



NAVEGAR É PRECISO... DE LISBOA À ILHA DE VILLEGAGNON, APORTANDO NA ESCOLA NAVAL DA TERRA BRASILEIRA: RECONSTRUINDO A MEMÓRIA POR MEIO DA FOTOGRAFIA

1T (RM2-T) Michelle Nunes Basile Papakyriakou¹

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende mostrar a importância da fotografia na construção e na recuperação de registros históricos. Ao observarmos uma imagem fotográfica como fonte de informação, teremos um recorte de um instante, uma representação de um acontecimento.

A partir da década de 80, a fotografia começa a ser instrumento informacional, surgindo “uma disposição de usar a fotografia como representação constitutiva de significado, isto é, como fonte histórica válida para a reconstrução do passado.” (MIGUEL, 1993, p.121), e o estudo dessas imagens existentes torna-se instrumento complementar da pesquisa:

¹ Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará.

O ato fotográfico possibilita a construção de histórias e memórias, e as múltiplas possibilidades de abordagens e conexões entre fotografia e memória constituem-se num dos principais vetores de estudo da imagem fotográfica. Com a democratização do registro fotográfico ao longo do século XX, a imagem passa a ser um suporte predominante na estruturação de memórias coletivas e individuais. (ABRANTES, 2006, p.2)



Entendendo a fotografia como fonte de informação e pesquisa por registrar uma determinada época, seu conteúdo traz consigo dados importantes e relevantes sobre um determinado grupo de indivíduos, permitindo a recuperação de fatos e evocando lembranças, recordações e vivências, que levam à reconstrução da memória coletiva ou individual.

É com base nesse pressuposto que ressalto a importância da documentação fotográfica e das reminiscências institucionais, com o foco no acervo da Escola Naval. Este estabelecimento de ensino tem grande representatividade tanto militar como educacional, pois é considerado a instituição de ensino superior mais antiga do país. Sua história começou em Portugal, a unidade estava sob a denominação de Academia Real de Guardas-Marinha criada em 1782, veio juntamente com a Família Real para o Brasil em 1808, passou por outros lugares e finalmente se fixou na Ilha de Villegagnon em 1938.



Pórtico do Túnel da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição de Villegagnon construída em 1775

Esta instituição tem grande relevância para a Marinha do Brasil e tem por propósito formar Oficiais de carreira do Corpo da Armada, Fuzileiros Navais e Intendentes. Compreendendo como se divide o curso de formação, bem como a cultura marítima e a importância da Escola Naval, entendemos também a Marinha do Brasil, pois é nela que se forjam esses militares. Podemos dizer que este é um espaço físico que nos remete à reconstrução das lembranças coletivas e individuais, daí a razão de se formar um acervo que privilegie a memória institucional.

A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Ao longo dos anos, formou-se um considerável acervo documental e iconográfico, este último com grande quantidade de fotografias organizadas de forma a salvaguardar e recuperar essas reminiscências, atendendo aos objetivos do presente, favorecendo o seu futuro, fazendo com que as gerações vindouras e a sociedade venham a conhecer o passado da Escola Naval por meio das fotos. A preservação desse material visa a um processo de construção social dessa comunidade, o que, de certa forma, aponta para a reconstrução da memória institucional coletiva.

Podemos tomar a fotografia como uma fonte que tem sido utilizada para registrar e direcionar nossa compreensão sobre os fatos históricos (KOSSOY, 2009:13). Não obstante isso, o pensar em memória institucional se apropria dessas informações supracitadas, utilizando-as como meio “para reconstruir reminiscências vinculadas a ela, e por meio da fotografia se enraízam na memória e esta se enraíza na imagem” (NORA, 1993, p.07).

É a imagem um veículo social e esta vem representar toda ideia condensada na fotografia, por onde a ima-

gem fotográfica vem a se tornar uma concepção, um olhar sobre as formas sociais. Portanto, a fotografia se torna um meio de lembrança, uma fonte inesgotável de informação e emoção. “Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior.” (KOSSOY, 2003, p.156)

Entendendo a fotografia como material de pesquisa e como um elemento de mediação cultural em que se retrata uma determinada época, que remete por meio da gravura a dados importantes e relevantes sobre um determinado grupo de indivíduos, permitindo a recuperação de fatos e evocando lembranças e recordações, o ato fotográfico possui uma relação dialética com o real e o imaginário um

processo de ancoragem da percepção fotográfica, a escolha do recorte do real imagético registra uma representação esteticamente instrumentalizada que descontextualiza o real visto e tangível. A imagem fotográfica é uma criação das formas sociais do olhar. (SILVA, 2011, p. 229)



1º juramento à Bandeira em Villegagnon, 11/06/1938

Esta possibilidade intrínseca da fotografia nos remete em um determinado momento, a um fragmento de reminiscências que podem compor a história de um determinado lugar. Como disse Halbwachs (2006, p.31), “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob forma material e sensível”. Portanto a fotografia pode ser um

artefato da lembrança ressaltado que em si, como as demais fontes historiográficas, não é a história, nem testemunha isolada dos fatos históricos, não é explicativa por si mesma, mas confirmadora de mudanças ocorridas ao longo de um período (MATTOS, 2010, p.5). Como afirma Maria Lúcia Cerutti Miguel,

Os criadores da memória - as comunidades, os meios sociais e políticos – constituem seus arquivos de acordo com o uso que fazem da memória e de acordo com os meios materiais de que dispõem. Neste sentido, o desenvolvimento tecnológico dá impulso notável para a constituição de novos arquivos, onde a memória visual, oral e eletrônica (a informática) têm seu lugar. (MIGUEL, 1993, p.122)



Presidente Getúlio Vargas passa em revista o Corpo de Aspirantes

Partindo da premissa de que a imagem fotográfica fixa fragmentos do real e que também é um meio de informação histórica, onde a memória social se apropria dessas fontes, segundo Godar (2005, p.12), entendemos por que a “memória é habitualmente caracterizada como polissêmica [...] e comporta diversas significações”, dentre elas a imagem documental, onde essa informação não necessita de subterfúgios “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob forma material e sensível (HALBWACHS, 2006, P,31). Assim, ocorre

[...] o congelamento do gesto e da paisagem, (e por que não dizer, das individualidades), e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da

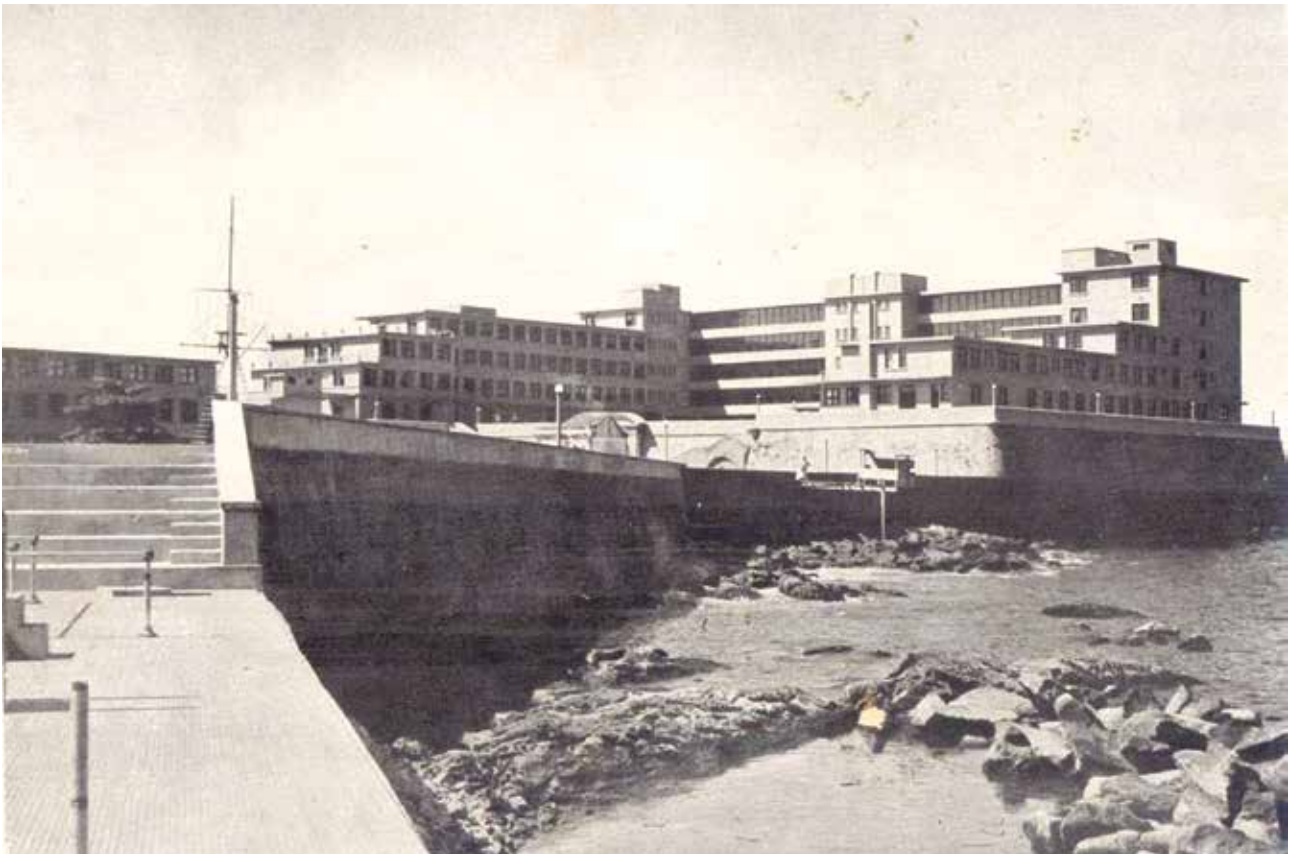
memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível”. (Kossoy. 2003: 155)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, reconhecemos a importância da foto como instrumento para a reconstrução da memória institucional; portanto, o “papel da fotografia é conservar o traço do passado ou auxiliar as ciências em

seu esforço para uma melhor apresentação da realidade do mundo” (DUBOIS apud MATTOS, 2009, p.07), onde “as múltiplas possibilidades de abordagens e conexões entre a fotografia e a memória constituem-se num dos principais vetores de estudo da imagem fotográfica” (ABRANTES, 2006, p.09).

A instituição, preocupada com a questão de recuperar as informações vivenciadas e registradas transcorridas em seu âmbito, começou assim um trabalho de resgate da memória institucional pelo acervo iconográfico, construindo um espaço na Biblioteca da Escola Naval que abriga esse “mundo de reminiscências”, que servirá para salvaguardar essa memória a fim de que possam ser resgatadas no futuro.



BIBLIOGRAFIA

- ABRANTES, Vera Lucia Cortes. Imagens produzidas pelo fotógrafo Tibor Jablonsky: suportes materiais na construção da memória do trabalho no Brasil (1950-1968) XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Vera%20Lucia%20Cortes%20Abrantes.pdf> . Acessado em: 11 ago 2013.
- ALENCAR, Débora Brito de et al.. *A fotografia como fonte de informação: a história da cidade de Juazeiro do Norte – Ceará*. Universidade Federal do Ceará. Campus Cariri 3o Encontro Universitário da UFC no Cariri Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28/ Outubro de 2011. Disponível em: <http://encontros.cariri.ufc.br/index.php/eu/eu2011/paper/download/452/146>. Acessado em: 11 ago 2013
- COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. *Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. Tese apresentada ao curso de doutorado em Ciência da Informação (CNPq/IBICT, URFJ/ECO). Rio de Janeiro, 1997.
- GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô, DODEBEL, Vera. (orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- KOSSOY, Borris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 4. ed. São Paulo: Ateliê, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- LISSOVSKY, Maurício. *A fotografia como documento histórico*. In_____. *Fotografia: Ciclo de Palestras sobre fotografias*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, p. 117-126.
- MATTOS, André Luiz Reis. *História e Fotografia: A fotografia como fonte historiográfica no registro das transformações das paisagens urbanas – Morro Dois Irmãos no Rio de Janeiro/RJ*. XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio, Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho de 2010.
- MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. *A fotografia como documento: uma instigação à leitura*. *Acervo: revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v.6, n.1/2, p.121-132, jan./dez. 1993.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo, Projeto História: Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. v. 10, 1993.
- SILVA, Sergio Luiz Pereira da. *A fotografia e o processo de construção social da memória*. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, Vol. 47, N. 3, p. 228-231, set/dez 2011.